

CHE: A LEGENDA DA REVOLUÇÃO

Bernardo Joffily*

Há quarenta anos atrás o Exército boliviano, assessorado pela CIA, abateu a sangue frio, com vários disparos, um prisioneiro desarmado. Enterrou-o em segredo e inventou que a morte se dera em combate. Seu nome: Ernesto Guevara de la Serna. Morria o braço direito de Fidel na guerrilha da Sierra Maestra, o militante comunista, o peregrino da luta antiimperialista, o estudioso, teórico e pensador, o polemista de afiada e certa ironia, o profeta visionário da revolução socialista na América e no mundo.

O Exército boliviano fez um péssimo negócio. Matou um homem indefeso, ardendo de febre, sufocado pela asma, estafado por meses de caminhada numa terra inóspita, onde a Cordilheira dos Andes cede lugar à selva Amazônica. E deu vida ao herói, ao mito, ao símbolo, de uma força e permanência sem igual. Trinta anos depois, o fantasma de Che Guevara ainda ronda e atormenta os poderosos donos do sistema que ele viveu para destruir. Uma geração que nem pensava em nascer, em 08 de outubro de 1967, reaviva a lenda do Che, que é a lenda da revolução.

Ernesto Guevara nasceu em 1928, numa família de classe média da Argentina. Asmático desde criança, travou seu primeiro combate visando dominar a doença, às custas de muito esporte e intermináveis caminhadas. Recém-formado em medicina, pôs a mochila nas

O Che não é um modismo, pois os donos da indústria da moda pagariam um bom dinheiro para vê-lo esquecido.

costas e pegou a estrada com um amigo para descobrir o mundo, a começar por nossa América Latina. Formou aí suas convicções revolucionárias, em contato com os mineiros da Bolívia, os caboclos da Amazônia, os índios do altiplano, os bóias-frias das plantações de bananas da United Fruit na América Central. No México, por acaso, topou com Fidel Castro e seus companheiros, que se preparavam para iniciar a luta armada contra a ditadura de Batista. Decidiu acompanhá-los a bordo do Granma, no que parecia uma aventura mas era o início da primeira revolução socialista no nosso continente. Dois anos depois, Batista fugia para os Estados Unidos e os guerrilheiros entravam em Havana, aclamados pela multidão que enchia as ruas.

O Che participou da construção da nova sociedade em Cuba, foi ministro da Indústria, divulgou o exemplo da revolução pelo mundo afora, inclusive no Brasil. Mas seu espírito irrequieto e sua consciência internacionalista logo o empurraram para novas trincheiras. Incorporou-se à luta pela libertação do Congo. Em seguida entrou clandestinamente na Bolívia, através do Brasil, decidido a acender ali o rastilho de uma revolução social latino-americana. Entregou a vida nessa empreitada.



Pode-se distinguir esse ou aquele aspecto do pensamento ou da ação de Guevara, mas são miudezas ao lado da figura de gigante que ele forjou nesses combates. Ninguém encenou com tanta clareza e contundência os anseios de transformação profunda que agitam este século e este continente. Foi o herói dos jovens do mundo inteiro nas jornadas rebeldes de 1968, e de todas as gerações e lutas que se seguiram, até nossos caras-pintadas de 1992 e os outros, que vieram depois.

O Che não é um modismo, pois os donos da indústria da moda pagariam um bom dinheiro para vê-lo esquecido. Não é um desses heróis chapa-branca, com seu inconfundível cheirinho de artificialidade e mofo. É uma vida, e uma morte, de inteira dedicação a uma causa que vale a pena. E é também a recriação coletiva dessa vida e dessa morte nos corações e mentes da raça humana, com impacto todo especial nos jovens e nos latino-americanos.

Se alguém neste planeta merece o título de herói, sem aspas nem reticências, é este nosso vizinho, nosso irmão, nosso companheiro, mais vivo do que nunca - Ernesto Che Guevara. 🍎

* **BERNARDO JOFFILY** é jornalista, editor do Portal Vermelho. Texto adaptado de um outro publicado há 10 anos, quando do trigésimo aniversário da morte de Che.